

SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
**XXIX SIC**  
**UFRGS**  
PROPESQ



múltipla   
**UNIVERSIDADE**  
inovadora  inspiradora

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| <b>Ano</b>        | 2017  |
| <b>Local</b>      | Campus do Vale  |
| <b>Título</b>     | O Ateliê de Escrita e as Narrativas Errantes                        |
| <b>Autor</b>      | GIOVANNI BOMBARDELLI GABE   |
| <b>Orientador</b> | TANIA MARA GALLI FONSECA  |

**Trabalho: O Ateliê de Escrita e as Narrativas Errantes****Nome do autor:** Giovanni Bombardelli Gabe**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Mara Galli Fonseca**Instituição de origem:** Programa de Pós-Graduação da Psicologia Social e Institucional da UFRGS (PPGPSI/UFRGS)

Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa “Catalogar para não esquecer” e faz parte do grupo “Corpo, Arte e Clínica” do PPGPSI/UFRGS. Tal projeto toma como campo de análise e intervenção acadêmica a Oficina de Criatividade (OC) do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) de Porto Alegre – RS. Este espaço criado em 1990 a partir dos movimentos da reforma psiquiátrica no Brasil se constitui pela abertura a pacientes, tanto internos quanto externos advindos dos serviços de referência, a estagiários de diferentes áreas de conhecimento e a outros funcionários do hospital com fins de acolher a diferença e promover um espaço de expressão, pela via de materiais de pintura, colagem, bordado ou escrita.

As problemáticas da nossa pesquisa se ligam tanto com a escrita, nas suas possíveis narrativas, quanto ao processo de arquivamento e catalogação das obras produzidas na Oficina de Criatividade. Buscamos um outro modo de olhar a arte, a vida do artista, o território que ele e seu arquivo ocupam, à maneira da perspectiva cartográfica. O contágio com o Ateliê de Escrita revela as potências do espaço e da vida de seus participantes, em que os atravessamentos de um campo de forças heterotópico (FOUCAULT, 1967) tem como função política ir não só a favor da construção de uma narrativa espontânea, mas também de valorizar a “escrita menor”, em defesa da diferença como explicita Gilles Deleuze, em seu livro “Kafka, por uma literatura menor”. O que vivemos neste território é o afeto e o contágio de forças moleculares, revelando a potência de narrativas errantes, que se situam à margem do cânone literário.

Autores como Suely Rolnik, Didi-Huberman, Walter Benjamin, Peter Pal-Pelbart, Michel Foucault, têm contribuído para a concepção de um território de pesquisa como um campo de afetos. A insurgência do testemunho das narrativas marginalizadas nos levam a abrir o olhar da vivência à experiência, revelando algumas diretrizes aprendidas aos modos de escrever em grupos que tem por objetivo a expressão da diferença.